

O léxico nos domínios da Zagaia: análises quantitativas

The lexicon in the domains of Zagaia: quantitative analyzes

El léxico en los ámbitos de Zagaia: análisis cuantitativos

Gisele Aparecida Ribeiro¹; Carolina Taciana Pinati²;
Rosânia Aparecida de Souza Fonseca³; Marcelo Santos⁴

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar e quantificar o vocabulário rural de algumas comunidades abarcadas pelo Parque Nacional da Serra da Canastra que se situa na região sudoeste do Estado de Minas Gerais, abrangendo os municípios de São Roque de Minas, Delfinópolis, São João Batista do Glória, Vargem Bonita e Passos. Ao pesquisarmos o léxico referente ao falar dessa região, pretendemos entrar no universo cultural, social, econômico, religioso e político dos habitantes dessa região, e perceber nele a forma de interação do homem com o mundo e seus semelhantes através da linguagem.

Palavras-chave: Léxico; História; Cultura; Linguística; Sudoeste de Minas Gerais; Passos; Parque Nacional da Serra da Canastra.

Abstract: The present work has the objective of analyzing and quantifying the rural vocabulary of some communities covered by the Serra da Canastra National Park, located in the southwest region of the State of Minas Gerais, encompassing the municipalities of São Roque de Minas, Delfinópolis, São João Batista do Glória, Vargem Bonita and Passos. When we search the lexicon referring to the language of this region, we intend to enter into the cultural, social, economic, religious and political universe of the inhabitants of that region, and to perceive in it the form of human interaction with the world and its alike through language.

Keywords: Lexicon; History; Culture; Linguistics; Southwest of Minas Gerais; Steps; Serra da Canastra National Park.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo analizar y cuantificar el vocabulario rural de algunas comunidades abarcadas por el Parque Nacional de la Sierra de la Canastra que se sitúa en la región suroeste del Estado de Minas Gerais, abarcando los municipios de São Roque de Minas, Delfinópolis, São João Batista del Glória, Vargem Bonita y Passos. Al investigar el léxico referente al hablar de esa región, pretendemos entrar en el universo cultural, social, económico, religioso y político de los habitantes de esa región, y percibir en él la forma de interacción del hombre con el mundo y sus semejantes a través del lenguaje.

Palabras clave: Léxico; Historia; Cultura; Linguística; Sudoeste de Minas Gerais; Passos; Parque Nacional de la Sierra de Canastra.

INTRODUÇÃO

Como moradora da cidade de Passos - Minas Gerais e vizinha do Parque Nacional da Serra da Canastra, depois de realizar durante o mestrado o estudo intitulado “O vocabulário rural de Passos: um estudo linguístico nos sertões do Jacuhy”, propus-me a realizar um estudo linguístico mais abrangente com enfoque no vocabulário rural da Serra da Canastra, localizada na região Sudoeste de Minas, tendo como embasamento o tripé léxico, cultura e sociedade. Por vocabulário rural, entende-se, neste trabalho, a variedade do português brasileiro falada em áreas rurais brasileiras, pelo “caipira” - aqui entendido como homem/mulher de baixa escolaridade que detêm um linguajar próprio do campo. (AMARAL, 1982). Consegui reunir nesta pesquisa duas grandes paixões: o Parque Nacional da Serra da Canastra e o estudo de vocabulário.

Desenvolver um estudo sobre o léxico de uma determinada região pressupõe investigar não só a língua

dessa região, mas também considerar a influência exercida pelo ambiente, motivada por fatores de natureza geográfica, sociocultural, histórica, dentre outros.

Constituíram a base empírica do presente estudo trinta e seis entrevistas orais, realizadas em áreas rurais do Parque Nacional da Serra da Canastra.

Na apresentação e análise dos dados, apresentamos os nossos *corpora* coletados nas trinta e seis entrevistas com falantes moradores da zona rural do Parque Nacional da Serra da Canastra. Nesse artigo, realizamos análise quantitativa dos dados.

Considerando-se tudo que foi dito anteriormente e acreditando que o léxico da Serra da Canastra espelha a história local, a ocupação e o povoamento da região por meio de várias bandeiras, a cultura construída pelos índios, negros e colonizadores que lá chegaram, trabalhamos este projeto a partir da hipótese de que “a linguagem não é só um fenômeno cultural como constitui, simultaneamente, o fundamento de toda sociedade e a

¹Coordenadora do curso de Letras e Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Passos). E-mail: gisele.ribeiro@uemg.br

²Docente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais.

³Coordenadora do curso de Pedagogia e Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Passos).

⁴Coordenador do curso de licenciatura em Ciências Biológicas e docente da Universidade do Estado de Minas Gerais.

expressão social mais perfeita do homem” (OLIVEIRA, 2001, p.132).

O HOMEM, A LÍNGUA E A CULTURA

A língua é, com toda evidência, parte do patrimônio cultural de uma sociedade. Como produto e instrumento da cultura, é ferramenta de um povo. Através dela os falantes de determinada comunidade se expressam e expressam seus valores, suas ideias, suas experiências e, assim, vão construindo sua sociedade, sua história.

Devido a esse caráter histórico, uma mesma língua possui divergências, entretanto essas divergências estão conectadas: no espaço (diatópica), no tempo (diacrônica), socioculturalmente (diastrática), no discurso (diafásica) - um entremeado de dialetos, níveis e estilo, como bem mostra Coseriu (1992, p. 37), quando afirma que “uma língua histórica nunca é um único sistema, mas sim um emaranhado de - em parte - diferentes sistemas. Há diferenças desde o ponto de vista fonético, gramatical e léxico”¹ (tradução nossa).

Para esse autor (1992, p. 38), “uma língua que não apresenta nenhuma diversidade no espaço, no tempo, na estratificação sociocultural ou no estilo é uma língua que não está viva.”

ANTROPOLOGIA LINGÜÍSTICA

Uma das possibilidades de estudar linguagem e sociedade é observando o fato social, os tipos de comportamento de um determinado povo – seu sistema linguístico, suas atividades, melhor dizendo, seu tecido cultural. A esse estudo dá-se o nome de Antropologia Linguística.

Pode-se dizer que é impossível traçar a gênese da reflexão antropológica, uma vez que o homem, em toda sua história, sempre refletiu sobre a própria existência e sua relação com a sociedade. Dar sentido a si mesmo e aos outros é reflexão que podemos encontrar tanto entre os povos pré-históricos quanto no homem contemporâneo; entretanto, só a partir do século XVI, com a descoberta do além-mar e de seres até então desconhecidos é que a questão da alteridade tornou-se presente.

Com um campo de estudo muito vasto, que engloba a linguística, a biologia, a arqueologia, a paleontologia, dentre outros, a ciência antropológica tem como principal objetivo conhecer o homem, os grupos humanos, desvendar a cultura dos povos, cultura que, na visão antropológica, não deve ser mensurada, já que a antropologia não é uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa em busca de significado.

O trabalho do antropólogo consiste, pois, em descrever e registrar todas as formas de cultura, de modo

que se possa preservar para as futuras gerações um conhecimento que, muitas vezes, poderia ter se perdido. Um bom estudo antropológico nos remete, portanto, às teias do significado que o próprio homem construiu e às quais se encontra amarrado.

Seguidor do linguista alemão Franz Boas (1858-1942), Edward Sapir (1844-1939) atraiu a atenção de linguistas com maior interesse em antropologia ao dizer que acreditava que a percepção de um observador sobre o mundo ao seu redor é controlada de alguma forma fundamental pela linguagem que usa. Esse linguista asseverava que a língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida.

Seu discípulo, Benjamin Lee Whorf (1897-1941), revelou um avanço nesse campo de estudo ao afirmar que as pessoas vivem segundo suas culturas em universos mentais muito distintos, expressos e, talvez, determinados pelas diferentes línguas que falam. Para esse linguista, uma língua pode levar à elucidação de uma concepção de um mundo que a acompanhe. Whorf radicaliza sua perspectiva ao fundar o “relativismo linguístico”, variedade moderna do relativismo cognitivo: a verdade é criada pela gramática e pela semântica de uma determinada língua. Criou-se em 1950 a “hipótese Sapir-Whorf” que estaria veiculada ao relativismo linguístico. A hipótese supracitada relaciona concomitantemente determinismo linguístico com relatividade linguística, sendo assim, tal teoria afirma que a língua gera o pensamento e não existem limites para a diversidade estrutural das línguas.

O apogeu dos estudos antropológicos deu-se por volta dos anos 1960, quando o estruturalismo fez do francês Claude Lévi-Strauss o seu mais notabilizado representante. Esse antropólogo francês foi um dos primeiros teóricos a trabalhar com a teoria semiótica da cultura, que, em sua versão mais básica, sustenta que a cultura é uma representação do mundo. Ele parte do princípio de que a mente humana é a mesma em todos os lugares, e de que as culturas são aplicações distintas das mesmas propriedades lógicas do pensamento, que todos os seres humanos compartilham e adaptam suas respectivas condições de vida.

Nota-se que os antropólogos linguísticos compartilham com outros cientistas sociais seu interesse pelos falantes como atores sociais. Isso significa que veem a fala, sobretudo, como uma atividade social da qual intervém algo mais que expressões linguísticas. Essa perspectiva epistemológica se reflete bem no seguinte fragmento escrito por Hymes (1972) para responder criticamente à noção de competência de Chomsky (1965), segundo a qual competência significa conhecimento da língua, isto é, de suas estruturas e regras, e desempenho o uso real da língua em situações concretas, em uma construção marcadamente dicotômica, sem qualquer preocupação com a função social da língua. De acordo com Hymes (apud DURANTI, 2000, p. 44),

¹Una lengua histórica nunca es un único sistema, sino un entramado de - en parte - diferentes sistemas. Hay diferencias desde el punto de vista fonético, gramatical y léxico.

Devemos [...] considerar o fato de que uma criança normal adquire o conhecimento das orações, não somente por meio da gramática, mas também por meio de sua inserção em um contexto. Ele ou ela adquire a competência sobre quando falar, quando não, de que falar e com quem, de onde e de que maneira. Em suma, uma criança pode chegar a dominar um repertório de atos de fala, tomar parte em eventos comunicativos e avaliar a conduta comunicativa dos outros. Além disso, esta competência se integra com suas atitudes, valores e motivações em relação com as propriedades e uso da língua e com sua competência e atitudes para entender a inter-relação da língua com outro código de conduta comunicativa.

Um dos principais pontos desse fragmento é o conhecimento do fato de que ser falante de uma língua significa pertencer a uma comunidade de falantes, significa estar imerso nas atividades desse grupo, compartilhando seus usos da linguagem.

Conforme pudemos observar, a especificidade da antropologia linguística reside em olhar a linguagem e as línguas como construtos humanos que integram a vida das pessoas, uma vez que são instrumentos de comunicação e representação do mundo, como bem mostra Duranti (2000, p. 452-453):

Adquirir uma língua não nos permite somente dotar de sentido o que vemos e ouvimos aí fora; também nos permite penetrar em nossa mente e alma para formular perguntas como: quem somos nós?, de onde viemos?, aonde vamos?, por que estamos aqui? A língua está aí para formular perguntas e para propor respostas [...] Como nos tem ensinado os antropólogos socioculturais da velha escola, uma grande parte do que fazem os seres humanos guarda relação com a questão da continuidade, isto é, com o acabamento de nossas vidas, com a reprodução material e simbólica de nossa individualidade, assim como nossa própria sociabilidade.

Neste estudo, voltamos nosso olhar a uma comunidade linguística, a uma região rural, com o objetivo de descrever e analisar seu vocabulário.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Coletada em entrevistas orais, nossa pesquisa sobre o léxico rural do Parque Nacional da Serra da Canastra desenvolveu-se da seguinte maneira:

- pesquisa de campo para realização de entrevistas objetivando coleta lexical;
- transcrição dos relatos dos entrevistados destacando as lexias que nos causavam estranheza;
- preenchimento das fichas lexicográficas, seguido de análise.

QUANTO ÀS LEXIAS DICIONARIZADAS E NÃO-DICIONARIZADAS

Depois de estudar as 561 fichas, encontramos diversos vocábulos que não foram localizados em nenhum dos dicionários examinados, ao passo que outros foram encontrados em pelo menos um desses dicionários.

Cabe ainda salientar: (a) aquelas lexias que, no contexto das entrevistas, ofereceram sentido incompatível às acepções dicionarizadas foram contadas como não-dicionarizadas. Em determinados casos foram inseridas na ficha lexicográfica algumas lexias dicionarizadas com acepção diferente com o objetivo apenas de se descobrir o étimo e a datação da palavra e (b) aquelas lexias que não apresentaram alterações significativas na forma foram computadas como dicionarizadas. É importante afirmar que pequenas alterações formais, tais como duplicação de consoantes, utilização de formas antigas como çam e çom e outras que não alteram por demais a grafia do vocábulo não foram levadas em conta como sendo divergentes. No entanto, casos em que existem processos metafônicos, seja por adição ou subtração, foram considerados distintos e, portanto, tratados como não dicionarizados. As 561 lexias usadas nas fichas lexicográficas foram separadas em dois grupos: lexias dicionarizadas e as lexias não-dicionarizadas. Entre os dois grupos, predominaram as primeiras com 68,27% ou 383 lexias dicionarizadas, e 31,72% ou 178 lexias não-dicionarizadas.

QUANTO AO NÚMERO DE LEXIAS PRESENTES EM CADA DICIONÁRIO

Das 561 lexias apresentadas nas fichas lexicográficas, averiguamos aquelas que se encontram em pelo menos um dos cinco dicionários selecionados consultados. Convém destacar que não estamos contabilizando aqui, o dicionário etimológico.

Em números absolutos, quantas lexias entre as 384 dicionarizadas estão presentes em cada dicionário: (i) P. Raphael Bluteau, mostra os 191 vocábulos encontrados nessa obra, o que corresponde a 49,73% dos 384 vocábulos dicionarizados; (ii) o dicionário de Antonio de Moraes apresenta 205 lexias entre aquelas dicionarizadas, o que representa 53,38% desse total; (iii) os dicionários de Laudelino Freire e de Aurélio Buarque são os que mais apresentam em suas páginas aquelas lexias constantes do grupo das dicionarizadas, com 333 ou 86,71% o primeiro, e 330 ou 85,93% e (iv) por fim, no dicionário de Amadeu Amaral, verificamos a presença de 102 unidades léxicas, ou seja, 26,56% do total das 383 lexias que se encontram dicionarizadas.

QUANTO À CLASSIFICAÇÃO GRAMATICAL

Ao avaliarmos as fichas, constatamos que os substantivos e os adjetivos reúnem 457 ocorrências, totalizando 81,46% do *corpus*. Os substantivos se destacaram com 404 ocorrências, abarcando 72,01% das lexias selecionadas. Os adjetivos, por sua vez, totalizam 9,44% dos vocábulos, ou seja, 53 ocorrências. Os verbos apresentam 61 casos, o que representa 10,87% de nossos dados. Com doze ocorrências, os advérbios abarcam 2,15% de todas as lexias presentes nesta pesquisa. As

locuções adverbiais/verbais, os pronomes, preposições e conjunções correspondem a 19 dados, o que aponta para 3,38% do total de vocábulos. As fraseologias abarcam 12 casos, ou seja, 2,14% dos dados.

QUANTO À ORIGEM

No que se refere à origem das lexias, a região pesquisada apresenta 230 ocorrências, ou 41% de nomes, cujas origens são portuguesas. As lexias que não tiveram origem encontrada ou estavam registradas, no entanto, não possuíam aceção conforme aquela apresentada em nosso *corpus* somaram 189 casos, o que corresponde a 33,68% de nosso *corpus*.

As lexias de origem francesa somaram 26 ocorrências, representando 4,60% do total de lexias analisadas. Em seguida, aparecem as lexias de origem castelhana, que somaram 18 casos, o que representa 3,20% do total. Lexias de origem árabe abarcaram 12 ocorrências, ou seja, 2,10%. As lexias de origem tupi somam 22 ocorrências, correspondendo a 3,90% do total. Com 10 casos, aparecem as lexias de origem controversa, o que corresponde a 1,78% do *corpus*. As lexias de origem híbrida somam 07 ocorrências, o que abarca 1,24% das lexias presentes em nosso *corpus*. Os nomes de origem africana e os nomes de origem obscura apresentam 17 ocorrências, ou seja, 3,0% dos dados, são 6 unidades léxicas de lexias de origem africana e o restante de origem obscura. A origem celta soma 5 casos, ou seja, 0,89%. Com 1,42% ou 8 casos, aparecem as lexias de origem incerta. As lexias de origem italiana aparecem em seguida com 7 casos, o que representa 1,24% do total. Com dois casos cada uma, aparecem as lexias de origem provençal e espanhola, representando 0,71% respectivamente. Seguem as lexias de origem expressiva, malaia, sânscrito e tam., cada uma com 1 caso, ou seja, 0,71% do total de nosso *corpus*. Por fim, aparecem as lexias de origem onomatopáica com 3 casos, totalizando 0,53% do *corpus* coletado.

QUANTO À FORMA E AO GÊNERO DAS LEXIAS

Nas 561 lexias analisadas, o gênero masculino se sobressai com 254 ocorrências, o que corresponde a 55,45% dos dados presentes em nosso *corpus*, que, por sua vez, são distribuídos em nomes masculinos simples, 207 ocorrências, e nomes masculinos compostos, 47 ocorrências. O gênero feminino aparece em 44,55% dos dados, somando 204 ocorrências. Desses, vocábulos são nomes femininos simples 178 e 26 são nomes femininos compostos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rio São Francisco possui grande importância para história da formação brasileira, e também, para a formação da região sudoeste de Minas Gerais. O Parque Nacional da Serra da Canastra abarcando o referido rio, tornou-se tão importante quanto o mesmo. Inserindo

duas paixões dentro de um mesmo contexto, temos como resultado o trabalho aqui apresentado. À medida que desenvolvíamos a pesquisa, acreditávamos, cada vez mais, no dizer de Isquierdo (2001, p.91): “o estudo do léxico de uma região mostra dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo do grupo estudado.”

Apresentamos os nossos corpora coletados nas 36 entrevistas com moradores dos municípios analisados. As lexias daí hauridas são apresentadas na forma de fichas lexicográficas. Essas fichas constituíram uma análise em que se estudou e se relacionou a lexia coletada a épocas passadas e atuais. Foram feitos os seguintes levantamentos: o número de vocábulos dicionarizados e não dicionarizados; o número de lexias presentes em cada dicionário; a classificação gramatical dos vocábulos; a origem das lexias. a análise quantitativa revelou um número bastante expressivo de lexias não dicionarizadas (31,72%). Explica-se tal ocorrência pela constatação, no vocabulário dos entrevistados, de diversos casos de variantes fonológicas, como também o uso de vocábulos, no entanto, com outras significações; o exame das lexias por classe gramatical aponta que os vocábulos que exercem as funções de nomes e verbos são os mais produtivos, representando 93,04% dos casos. Podemos afirmar que essas duas classes gramaticais são aquelas que mais mostram os costumes e tradições do Parque Nacional da Serra da Canastra/MG. Conforme Souza (2014), o estudo linguístico com ênfase na relação entre léxico e cultura, proposto por Duranti, permite descobrir padrões interativos que revelam visões de mundo e formas de relação entre os indivíduos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4ª ed., São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982 (reprod. Facsimil da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- COSERIU, E. *Competência linguística*. Madrid: Gredos, 1992.
- DURANTI, A. *Antropologia Linguística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- HYMES, D. *Language in culture and society*. A Reader in Linguistics and Anthropology. New York: Harper and Row, 1964.
- HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Ed.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth, England: Penguin Books, 1972. p.44.
- HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: BRUMFIT, C. J.; JOHNSON, K. *The Communicative Approach to Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1979. p.40-50.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de (Org.). *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p.91-100.

OLIVEIRA, A.M.P.P. Regionalismos e brasileirismo: a questão da distribuição geográfica. In: ISQUERDO, A.N.; OLIVEIRA, A.M.P.P. de (Org.). *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p.109-116.

RIBEIRO, G.A. **O vocabulário Rural de Passos/MG**: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – UFMG – Belo Horizonte – 256 páginas.

SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

SEABRA, M.C.T.C. de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais**: a toponímia da região do Carmo. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte – 368 páginas.

SOUZA, V.L. de. *Nas cacimbas do Rio Pardo: um estudo léxico-cultural*. 2014. 622f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

Página em branco.